

RELATOS DOS VIAJANTES DA EUROPA E A REPRESENTAÇÃO DE ALIANÇAS COM INDÍGENAS NA REGIÃO DE FRONTEIRA ENTRE O EXTREMO NORTE BRASILEIRO E A GUIANA INGLESA NO SÉCULO XIX.

Daniel Montenegro Lapola¹
Universidade Federal do Pará(UFPA)
danielmontenegro78@gmail.com

Resumo: Através dos relatos dos viajantes a serviço da Europa, baseado na linha teórica historiográfica de Peter Burke no estudo da história cultural das representações de narrativas, buscamos como objetivo central analisar a relação dos europeus junto aos indígenas e as alianças e estratégias utilizadas através da investigação científica para servir aos interesses do país patrocinador do empreendimento na fronteira entre o extremo norte do Brasil com a Guiana Inglesa no século XIX. Estaremos trabalhando com os relatos de viagem que foram realizados pelo geógrafo alemão Robert Hermann Schomburgk (1835, 1839 e 1845), o geólogo canadense Charles Barrington Brown (1870), ambos a serviço da coroa britânica e o geógrafo francês Henri Anatole Coudreau (1886 e 1889), a serviço do ministério da marinha e das colônias francesas. Os três viajantes, vindo em missão científica na região, patrocinados por países europeus, trazem em seus relatos diversas referências aos grupos étnicos indígenas habitantes da região de fronteira estudada, entre eles os Macuxi, Wai Wai e os Wapichana. Portanto, como objetivo específico buscamos esclarecimentos de como se construiu a representação, a aliança, o protagonismo e como os indígenas foram retratados nos relatos destes viajante.

Palavras Chave: Relatos, Viajantes Europeus, Indígenas.

1-INTRODUÇÃO

Através deste artigo, pretendo tratar como objetivo central os relatos de dois viajantes a serviço de missão científica da Coroa Britânica, Robert Schomburgk (1835,1839 e 1845) e Charles Brown (1870) e de um viajante a serviço do ministério da marinha e das colônias francesa, Henri Coudreau (1886 e 1889), sobre como os indígenas são retratados representados nas narrativas destes, nos atentando mais para as etnias, Macuxi, Wai Wai e Wapichana, e a importância do protagonismo da aliança destes indígenas com os europeus que estarão levantando dados científicos e influenciando na região de fronteira entre o extremo norte do Brasil e a Guiana Inglesa no século XIX.

¹Doutorando em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Graduado em História na Universidade Estadual Paulista (UNESP). danielmontenegro78@gmail.com

O período estudado é o século XIX, período influenciado pelo iluminismo, evolucionismo e o romantismo, onde se foi buscada a existência dos indígenas nas veredas do curioso, do exótico e do acidental (OLIVEIRA, 2016). Período em que as disputas territoriais entre as nações europeias procuravam se configurar na região das Guianas, o objetivo era ampliar o território e ter acesso a importantes rios e riquezas naturais.

A finalidade do prussiano Robert Schomburgk para coroa britânica era a de ligar dados astronômicos, levantados na Guiana Inglesa e no norte de Roraima (FRANK,2007). Faria ver ao governo inglês a necessidade de demarcação das fronteiras da colônia, descrevendo os indígenas que habitam a região da Guiana como súditos úteis (FARAGE, 1991).

Vamos observar em Robert Schomburgk a importância da aliança dos indígenas Macuxi com os ingleses em laços religiosos, de reconhecimento a soberania inglesa e denúncia à escravidão indígena do lado brasileiro, assim como relatos sobre os Wai Wai.

O segundo viajante é o Geólogo canadense Charles Barrington Brown a serviço da coroa inglesa é designado ir à colônia Guiana Inglesa, para fazer o mapeamento e relatórios geológicos. Ao mesmo tempo que esteve em diversas regiões entre o Brasil e a Guiana Inglesa, conforme os locais que vai passando vem descrevendo, rios, cachoeiras, animais e descreve costumes indígenas e a convivência com estes durante as suas viagens.

O terceiro e último viajante trabalhado aqui é o geógrafo francês Henri Coudreau, Professor de História e de Geografia foi, em 1881, com a idade de 21 anos, enviado à América do Sul, como professor no Liceu de Caiena, tendo antes exercido por pouco tempo o magistério em Reims. Em 1883 em expedição pelo ministério da Marinha e das Colônias francesas, vem estudar os territórios contestados entre a Guiana Francesa e o Brasil, no Mapuera, na Guiana Inglesa no Essequibo e na Serra do Acaraí, vai descrever suas opiniões sobre os indígenas que vai avistar, pelas regiões de fronteira entre o Brasil e as Guianas.

Discutiremos relatos destes viajantes, como fontes de dados sobre grupos indígenas da Amazônia, articulados com problemáticas científico culturais, pensadas sobre a natureza e o destino dos indígenas (OLIVEIRA, 1987). Trabalharemos

interdisciplinaridade das ciências humanas, principalmente entre a História e a Antropologia.

Estaremos nos apoiando com a ferramenta teórica historiográfica cultural, através da representação da narrativa de relatos, com Peter Burke que se aproxima Michel de Certeau e com o reforço do filósofo alemão Jörn Rüsen, relacionado ao método de análise de relatos de viajantes europeus naturalistas através da etnohistória de João Pacheco de Oliveira que dialoga com a representação da alteridade de Tzvetan Todorov e o protagonismo indígena destacados também por Maria Almeida e Patrícia Sampaio, com isso formamos a nossa corrente teórica e metodológica para este artigo.

Neste caminho de interpretação histórica e antropológica, estaremos buscando entendimento nas relações, para entendermos a descrição do contato e as alianças com representantes de governo da Europa, junto dos indígenas Macuxi e Wai Wai (Karib) e Wapichana (Arawk), aonde os interesses e objetivos se metamorfoseiam no decorrer do tempo.

Como objetivo específico buscamos entender como os indígenas são representados e retratados nos relatos destes viajantes que de um lado são reconhecidos pelos avanços da pesquisa de reconhecimento científico e de outro denunciados como demarcadores de território do domínio colonial para países que financiaram seus empreendimentos.

Relatos dos viajantes da Europa sobre indígenas entre o Brasil e a Guiana Britânica no Século XIX

Os historiadores sociais radicais rejeitavam a narrativa porque a associavam muito destaque a líderes políticos ou militares ao invés de homens e mulheres comuns. Mas a narrativa retornou junto com uma narrativa cada vez maior com as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentidos as suas experiência, suas vidas e seus mundos (BURKE, 2005).

Segundo Peter Burke (2005), os estudos sobre as histórias das viagens muitas vezes focalizam a maneira estereotipada pela qual uma cultura não familiar é descrita pelo viajante, por isso a busca por uma novas formas de narrativas para lidar com a história.

Dentre essas novas formas temos como exemplo Jörn Rüsen (2010) no estudo das narrativas que para representações existirem é importante o historiador reconhecer o local e a época de suas pretensões e validades, como para Michel de Certeau (1982) quando articular com um lugar social da operação científica com relação aos modelos culturais é necessário que exista aí representação.

Seguindo estes rastros teóricos nos situamos no território de fronteira no extremo norte brasileiro, Nádia Farage (1991) em “Muralhas do Sertão”, se refere aos indígenas como protetores de invasores estrangeiros da região do Rio Branco pertencentes a Portugal:

Para além do interesse humano que pudesse oferecer a região tratava-se nesse primeiro momento, para os portugueses de formar no Rio Branco uma barreira humana; desta perspectiva, a submissão dos índios, como vimos, premissa fundamental do projeto colonizador português para Amazônia (FARAGE, 1991, p.128).

O termo “Muralhas dos Sertões” se referindo aos indígenas como barreira de proteção do território, encontramos no Parecer do Conselho Ultramarino datado em 20 de Dezembro de 1695:

Que sobre estes avisos lhe parecia dizer a V. Magde. a exemplo do cuidado dos Castelhanos, e mais estrangeiros se devia pôr todo cuidado possível, para que Índios daquelas partes se pratiquem por Missionarios Portuguezes, como todos eles os tinham pedido, e lhos pedirão reconhecendosse por Vassallos desta Coroa; porque os gentios erão as muralhas dos Certoes (Parecer do Conselho Ultramarino nº6, 20.12.1695, p.13)

Isto evidencia a grande importância dos europeus terem como aliados os indígenas para defender as fronteiras, contra o ataque de outros países europeus adversários, que também se utilizavam de indígenas como aliados.

Os índios viam nos europeus novas oportunidades para expandir suas relações sociais de amizade ou hostilidade. As trocas incluíam produtos variados: os índios queriam armas de fogo, instrumentos de ferro, bugigangas etc. e os europeus além de preciosa madeira, precisavam de alimentos, escravos, mulheres, papagaios etc (ALMEIDA, 2003, p.55).

As trocas eram um meio de dar existência e alma para as relações, configurando as convivência através vantagens tanto para indígenas, quanto para os Europeus na região das Guianas. Demonstrando a localização da região estudada:

Denominamos de Amazônia Caribenha todo o território da Ilha das Guianas que compreende o litoral Atlântico Norte entre o delta do rio Orinoco (Venezuela) e do rio Amazonas, pela margem esquerda do rio Amazonas e do rio Negro, pelo Canal de Cassiquiare (Brasil/ Venezuela) e a margem direita do rio Orinoco (OLIVEIRA, 2011, p.1).

Amazônia Caribenha é um território ao Norte da América do Sul e que no processo de colonização foi dividido entre cinco países amazônicos: Brasil, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa (OLIVEIRA, 2006).

A localização atual do que se define por Guiana Brasileira se dá nos atual estado do Amapá. O estado de Roraima apresenta penetração e comunicação com atual Guiana.

Pesquisas atuais constataram em documentos do Século XVIII de contabilidade de fazendas da antiga colônia holandesa de Berbice, evidencias de mão de obra livre e escrava indígena. Local que com o tempo passa a pertencer ao domínio inglês, localizando-se na Guiana Inglesa.

Dentro dos serviços prestados pelos indígenas aos holandeses, constatamos:

Um produto especial é vergifhout “madeira venenosa”, usada para pescar na forma indígena, hoje uma espécie de timbó. Serviços eram regularmente contratados pelas fazendas, por exemplo, remar canoas, cortar grama para alimentar cavalos, manter guarda e também para capturar e retornar escravos africanos foragidos. Os pagamentos frequentemente são especificados com a entrada: “pago para um índio que faz serviço aqui (HULSMAN, 2016, p.83)”.

Como trazemos esta problemáticas em relação de aliança entre europeus e indígenas, verificasse que os holandeses eram dependentes de aliança junto aos povos indígenas que prestavam serviços de maneira voluntária e escrava. Para conseguir manter o projeto colonial em Berbice, os holandeses dependiam de alimentos trazidos pelos indígena.

A presença de escravas indígenas era mais numerosa que escravos indígenas homens, devido a questão de atraírem colonos para povoar o local, dando força ao projeto colonial dos holandeses (HULSMAN, 2016)

Vai ser evidente a importância do trabalho indígena em áreas amazônicas de fronteira, como:

A Amazônia Brasileira passou a ter uma história de povoamento e uma história de fronteiras foram concebidos. Neste período, o conceito inicial evoluiu de uma noção fluvial para uma noção de espaço territorial alargado e daí para a formulação de um conceito de fronteira humana, quando Portugal tomou consciência da importância dos índios amazônicos como aliados e como mão-de-obra indispensável, sobretudo nos serviços de coleta das drogas do sertão e pesca (TORRES, 2006, p.129).

A aliança com os indígenas é fundamental para o setor de serviços e de sustentabilidade aos projetos coloniais, vistos nos documentos coloniais, e nos relatórios das expedições científicas de viajantes, pois eles eram os habitantes da região, conheciam a localidade e estavam acostumados a caçar, pescar, construir canoas, a remar e colonos estrangeiros não eram atraídos facilmente, então a aliança com os indígenas, serão muito aproveitadas em defesa da dominação territorial colonial europeia.

Os viajantes ocidentais aqui estudados vão fazer representações em narrativas com os indígenas da família linguística Karib (Macuxi, Wai Wai) e Arawak (Wapichana) no século XIX, isto nos faz pensar que:

O termo “descoberta” é equivoco e inaplicável, mas a sua substituição por eufemismos como “encontro de culturas” ou “encontro de civilizações” pode ser inócua se deixar intocadas as regras de sintaxe e os pressupostos do discurso colonial. O mesmo destino, aliás, estará reservado a um antidiscurso (como falar em “invasão”) se não conduzir a uma crítica profunda das certezas e atitudes naturalizadas na narrativa convencional (OLIVEIRA, 2016, p.48).

João Pacheco de Oliveira (2016) neste trecho trabalha com a Dialética (Contradição) Marxista, pois o discurso colonial, como o convencional sem provas, podem induzir ao erro, portanto escolhemos o termo contato. De um lado, o equívoco “descoberta”, se eles já moravam no local, do outro o termo “invasão” sem a certeza que houve aceitação do contato dos indígenas com os viajantes ocidentais, para as trocas comerciais, religião cristã, proteção e tutela (OLIVEIRA, 2016).

Neste momento inicial da colonização notamos um posicionamento mais ameno do colonizador para depois a relação desse contato mudar para a desigualdade sobre isso vemos em Todorov (1983) a descoberta que o eu (colonizador) faz do outro (colonizado) rivaliza o olhar dos viajantes europeus no continente da América do Sul. Nesse passo estaremos trabalhando com Todorov que é um incentivador dos estudos coloniais da América.

Tzvetan Todorov (1983) traz como pano de fundo a conquista da América para demonstrar a relação hierárquica entre colonizador e colonizado em que o eu (colonizador) vai narrar o outro (colonizado) como inferior.

Muito importante reconhecer a alteridade das representações dos indígenas realizada pelas narrativas dos europeus, assim como precisamos compreender o contexto, o período, os costumes da época e as circunstâncias em que elas foram escritas.

Trata-se, pois, de identificar a história como estado das coisas justamente quando a operação de constituição de sentido pela narrativa histórica é condicionada, ensejada mesmo pela experiência do passado com orientações contemporâneas a que se refere.

A tentativa de resgatar o indígena brasileiro no papel de protagonista para história é objetivo central comungado por João Pacheco de Oliveira e Maria de Almeida:

Desde o século XIX, com raríssimas exceções, os índios tem tido participação inexpressiva em nossa história, em geral aparecendo como atores coadjuvantes, agindo sempre a função dos interesses alheios. Aliás não agiam, apenas reagiam a estímulos externos colocados pelos europeus. Tem-se quase a impressão de que estavam no Brasil à disposição desses últimos, que se serviam deles à vontade, descartando-os quando não mais necessários: teriam sido úteis para determinadas atividades e inúteis para outras, aliados ou inimigos, bons ou maus, sempre de acordo com os interesses e objetivos dos colonizadores (ALMEIDA, 2003, p.27).

Para entendermos estas alianças pesquisaremos os relatos dos viajantes que tiveram contato com os indígenas na região de fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

O primeiro viajante a tratarmos aqui é **Robert Hermann Schomburgk** (5 de junho de 1804, Freiburg-Alemanha-11 de março de 1865-Schöneberg, Berlim-Alemanha) reconhecido como viajante explorador, geógrafo, ictiólogo, diplomata, botânico, cartógrafo, agrimensor, filho de um pastor protestante (FRANK, 2007).

O alemão Robert Schomburgk em 1834 é convidado para missão na colônia britânica da Guiana, pela Real Sociedade Geográfica de Londres: A finalidade de Robert Schomburgk era a de ligar dados astronômicos, levantados na Guiana e no norte de Roraima, com aqueles arrolados 35 anos antes por Alexander von Humboldt, no sul da Venezuela, por quem foi bastante influenciado (FRANK, 2007).

Em Setembro de 1839, Robert Schomburgk embarcou de Georgetown rumo à Inglaterra (setembro de 1839), onde fez palestras sobre os Wapishana, publicou vários mapas e pôs à venda amostras geológicas, madeiras tropicais e objetos etnográficos (FRANK, 2017).

Na Grã Bretanha, Robert Schomburgk é convidado a realizar uma segunda expedição a Guiana Britânica em 1841, para elaborar propostas sobre cursos de fronteiras, desta vez recebendo apoio na expedição de seu irmão Richard Schomburgk. Ambos influenciados pelo naturalista Humboldt e a escola de antropologia alemã *Völkerkunde*.

Schomburgk, em minucioso memorial, fazia ver ao governo inglês a necessidade de demarcação das fronteiras da colônia, descrevendo os indígenas que habitam a região da Guiana como súditos úteis (FARAGE, 1991).

Nesse passo, sobre a importância das alianças com indígenas:

Talvez muito mais importante do que tudo isso, os Schomburgk também sentiam no interior da Guiana a necessidade de estabelecer e manter 'boas relações' com os índios regionais porque, ao penetrarem em um espaço cada vez menos conhecido, aumentava proporcionalmente o seu medo de encontros imprevistos com alguma 'tribo' desconhecida e hostil, ou – já nas margens do Essequibo – com caçadores (brasileiros) de escravos! Por certo, os textos dos Schomburgk, na sua grande maioria escritos após o final 'feliz' dos seus empreendimentos, ou em momentos e lugares relativamente seguros (como na aldeia macuxi de Pirara. (FRANK, 2007, p.125).

Posteriormente, suas explorações nessa região geraria um conflito diplomático que seria denominado “Questão do Pirara” (região localizada hoje na cidade de Lethem na Guiana), no qual o Brasil cedeu dois terços do território disputado a Inglaterra (MENCK, 2009).

A aliança dos indígenas Macuxi com os ingleses em laços religiosos e de reconhecimento a soberania inglesa, aliados a denúncia de Schomburgk escravidão de indígenas do lado brasileiro para as autoridades inglesas (MENCK, 2009). Estratégias

fundamentais para ganho do território no arbítrio julgado na Itália da disputa entre Inglaterra e Brasil pela região do Pirara.

As rivalidades entre os grupos europeus foram também percebidas pelos índios, que se posicionavam em relação a elas buscando alianças que satisfizessem seus interesses e, nesse processo, polarizavam suas próprias hostilidades (ALMEIDA, 2003, p.56).

O resultado da arbitragem na Itália do rei Vitório Manuel da área contestada da região do Pirara no enfrentamento entre Brasil e a Grã Bretanha, seguiu a proposta de alternativa pelo próprio Schomburgk (MENCK, 2009).

Além disso, os diários de Robert Schomburgk, estão repletos de referências às trocas intertribais, as trilhas constantemente palmilhadas e a circulação de mercadorias europeias pelo interior (HOWARD, 2002).

Em viagem ao sul da Guiana inglesa em seu primeiro relatório Robert Schomburgk descreveu os Wai Wai como moradores da região do alto Essequibo e alto Trombetas, um povo de língua Karib que absorveram subgrupos étnicos vizinhos (RIVIÈRE, 2006).

Acredita-se que devido as epidemias ocorreu redução demográfica fazendo os Wai Wai se juntarem aos subgrupos étnicos que mantinham relações de troca entre eles, através de casamentos intertribais, para procriar e a etnia não se extinguir.

Schomburgk conta o que viu em uma aldeia Pianokoto de um afluente do Trombetas:

Oito ou dez terçados, vários machados novos, facas e tesouras, todos de fabricação holandesa, encontrou também um pacote de miçangas pendurados e um facão de boa qualidade de fabricação inglesa e ainda usavam uma profusão de miçangas nos braços e atravessadas pelo peito (SCHOMBURGK, 1845, p.69, 76, 78 apud HOWARD,2002, p31)

Notamos nesse relato a introdução às ferramentas de metais e adornos introduzidos por holandeses, através da prática da troca, de favores, com alimentos ou apoio aos indígenas para dominarem o local, demonstrando a força do comércio na região.

Os grupos que trocavam com os Wai Wai, como os Pianokoto comerciavam com quilombolas do Suriname, dando cães de caça, tangas, redes, raladores de mandioca, facas

e terçados que conforme observamos, possuíam em abundância (SCHOMBURGK, 1845); (HOWARD, 2002).

Essa superioridade bélica deve ser relativizada, sobretudo se considerarmos a imensa maioria indígena e as limitações técnicas da época: entre um tiro de arcabuz, como destacou Mendonça, voavam milhares de flechas envenenadas pelo poderoso curare (ALMEIDA, 2003, p.57).

Schomburgk mencionou apenas de passagem os Wai Wai propriamente ditos, visitou três de suas aldeias nos rios Essequibo e Mapuera, relatando uma população de cinquenta pessoas em cada uma.

Segundo o relato do próprio em relação a sua visita:

The filthiness of the Waaccawai is proverbial among the Indians, but surely what I have seen of the huts of the Woyaways, surpasses in sluttishness those of the former. The number of inhabitants of that tribe whom I saw in my journey, amounted to about 150, but a great number live in the upper Assimari, and to judge from their expressions, there can not be less than from three to four hundred Woyawais (SCHOMBURGK, 2006, p.250).²

Schomburgk (2006), adentrou e observou as cabanas dos Wai Wai, assim como apontou a localização e número de habitantes das aldeias e suspeitava haver mais habitantes espalhados na região. Notou que os Wai Wai eram conhecidos pela qualidade de seus cães de caças, pelo uso de penas da harpia, pelo cultivo do algodão para tangas masculinas, artigos que troca com os índios Mawayana. Estas qualidades foram observadas e relatadas também pelo viajante Charles Barrington Brown que a serviço da coroa inglesa foi designado ir à colônia Guiana Inglesa, para fazer o mapeamento e relatórios geológicos.

Charles Barrington Brown (23 de agosto de 1839, Cape Breton Island - 13 de fevereiro de 1917, Londres) foi um geólogo e explorador canadense. Em 24 de abril de 1870, ele foi um dos dois geólogos nomeado pelos ingleses para ser inspetor do governo para a colônia da Guiana Britânica (BROWN, 1876). Nesse mesmo ano, ele foi o primeiro

² Tradução do autor: A imundície do Waccawai é proverbial entre os índios, mas certamente o que eu vi das cabanas dos Wai Wai, supera a sensualidade dos anteriores. O número de habitantes da tribo, que eu vi na minha jornada, era aproximadamente 150, mas grande número vive no Alto Assimari, e para julgar por suas expressões, não pode haver menos de 300 a 400 Wai Wai (SCHOMBURGK, 2006, p.250).

ocidental a ver as quedas de Kaieteur. Brown foi educado na Universidade de Harvard e na Royal School of Mines, em Londres (1862-4), tendo sua associação em geologia (BROWN, 1876).

Os Wai Wai voltariam a ser mencionados na literatura, e ainda assim de modo indireto, em 1870, quando o geólogo Charles Brown: Passou por um grande grupo de Tarumá, Wapichana e Mawayana que acabava de voltar de uma viagem de troca a aldeias Wai Wai, carregado de raladores de mandioca e de cães de caça (HOWARD, 2002).

Seu encontro com os Wai Wai se deu navegando no rio Essequibo em uma expedição na qual observou a rede de trocas entre eles e outros povos indígenas, como os Wapichanas, Tarumás e Mawayanas, descreveu a habilidade destes com cães de caças e papagaios falantes, portanto:

Had gone with three Wapisianas up to visit the Woyawaise tribe, who live near the sources of the Essequibo. The Wapisianas had come through by the Cuyuwini river for the purpose of bartering with those Indians for cassava graters and hunting dogs. After a few hours' stay at the village we continued our journey, finding the river onwards very narrow, and in one place, where it had formed a new course across a point, we had great difficulty in getting our boat over the shallows. That day we had our first taste of rain, though ever since we had been on the Upper Essequibo we had in the afternoons heard the rumblings of distant thunderstorms. Next day, whilst wending our way onwards, we met the Tarumas—twenty-two in number—belonging to the lower village, coming down river in corials from their visit to the Woyawaise. They did not appear at all alarmed, but came alongside. They had a large number of black-and-white hunting dogs, which barked furiously the whole time, more in fear than in anger (BROWN, 1876, p.248).³

Percebe-se as relações entre os Wapichanas que visitam os Wai Wai para realizarem trocas com de raladores de mandiocas e cães de caças deles e o grande número de cães que os Tarumas tinham, descendo o rio para também visitar aldeia dos Wai Wai para realizarem trocas.

³ Tradução do autor: Tinha ido com três Wapichanas para visitar os Wai Wai, que vivem perto das fontes do Essequibo. Os Wapichanas passaram pelo rio Cuyuwini com o propósito de trocar com aqueles índios raladores de mandioca e cães de caça. Depois de algumas horas de permanência na aldeia, continuamos nossa jornada, encontrando o rio em frente a um lugar muito estreito, onde formou um novo curso. Em um ponto, tivemos grande dificuldade em obter nosso Barco sobre as águas rasas. Naquele dia, tivemos o nosso primeiro gosto da chuva, embora desde que estivemos no Alto Essequibo à tarde, tínhamos ouvido rumores de trovoadas distantes. No dia seguinte, ao mesmo tempo em que avançávamos, nós conhecemos os Taruma - vinte e dois em número - pertencendo a aldeia mais baixa, descendo rio em sua visita ao Wai Wai. Eles não pareceram estar alarmados, mas vieram ao lado. Eles tinham um grande número de cães de caça preto e branco, que latiam furiosamente o tempo todo, com medo e raiva (BROWN, 1876, p.248).

O terceiro e último viajante trabalhado aqui é o geógrafo francês Henri Coudreau, em expedição pelo ministério da Marinha e das Colônias francesas, vem estudar os territórios contestados entre a Guiana Francesa e o Brasil, no Mapuera, na Guiana Inglesa no Essequibo e a Serra do Acaraí, aonde também vai se encontrar com os índios Wai Wai, Wapishana e Macuxi.

Henri Anatole Coudreau, (6 de Maio de 1859, Sonac-França -9 de Novembro de 1899 Estado do Pará-Brasil). Professor de História e de Geografia foi, em 1881, com a idade de 21 anos, enviado à América do Sul, como professor no Liceu de Caiena, tendo antes exercido por pouco tempo o magistério em Reims (COUDREAU, 1940; RBG, 1943). Em 1883 seus desejos foram satisfeitos. A serviço do Ministério da Marinha e das Colônias estudou, numa primeira missão, e nos anos de 1883, 1884 e 1885, os imensos territórios, então contestados, entre a Guiana Francesa e o Brasil (COUDREAU, 1940). Partindo da Aldeia de Counani, passou depois ao Rio Branco indo até o Rio Negro permanecendo, nessa viagem de estudos, dois anos cheios de aventuras, sozinho entre os naturais da região (COUDREAU, 1940).

Sua segunda missão durou ainda dois anos (Maio de 1887 a Abril de 1889), percorreu um itinerário de 4.000 quilômetros, realizou levantamentos considerados completos do Rio Oiapoque, do Maroni e do Moronini, da embocadura à nascente. (COUDREAU, 1940; RBG 1943).

Henri Coudreau se deslocou bastante em terras brasileiras, fazendo levantamentos, inclusive percorreu grandes trechos caminhando. Em seu intenso deslocamento encontra no Rio Branco os indígenas Wai Wai nas fronteiras entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

Henri Coudreau (1886), acaba em seus relatos comparando o indígenas selvagens como orgulhosos e os civilizados menos sensíveis em relações a trocas e mercadorias, chamando os estes últimos de mendigos superlativos. Notamos alteridade pelo indígena civilizado e o interesse maior pelo indígena selvagem (puro), devido ao costume da época, visto o indígena como exótico natural e questões mais complexas, baseadas no interesse.

Relata os Wai Wai como indígenas mansos e a sua localização:

Les Ouayoués habitent le bassin moyen du Mapouerre. Les Ouayeoués sont une des tribus les plus nombreuses de la contrée. Le haut du bassin du Mapouerre et du Tarouéné est habité par trois tribus mansas comme toutes les précédentes: les Tarims, les Jappis et les Toucanos. Dans le bassin du Couroucouri habitent, non sur le rives du cours d'eau mais dans le forêts de l'intérieur, trois autres tribus mansas, les Yaous, les Nères et les Coudois. Détail très important: aucune de ces tribus n'a de pirogues. Au sud des tribus du Couroucouri et à l'est des Ouayeoués habitent les Piannocotes, grande tribu mansa, dont les territoires s'étendent des Ouayeoués aux Ouayanas (COUDREAU, 1886, pp.90-91).⁴

Assim como relatou os Wai Wai como mansos, descreve que nenhuma dessas etnias mencionadas usavam canoas em suas observações na época.

Henri Coudreau (1887) viajou de Manaus a Boa Vista de Batelão que é um tipo de barco exclusivo para transportar o gado, que podem levar de dez a trinta bois. Composto de oito a dez homens, quase sempre índios Macuxi do alto rio Branco, e um patrão (COUDREAU, 1887). Reparou que o gado na longa viagem emagrece consideravelmente ou morre em grande proporção, o barco só atracou uma vez de Boa Vista a Manaus. Menciona o trabalho do indígena que vai cortar o capim (erva) para dar de comida aos bois (COUDREAU, 1887). A tripulação do barco de Manaus para Boa Vista era composta de cinco índios que remavam. Os homens eram bem tratados: café da manhã, chá à noite, boa farinha, carne seca, cachaça. (COUDREAU, 1887).

Em sua expedição de 1884-1885, o geógrafo francês Henri Coudreau registrou várias ligações comerciais dos Wai Wai com os Wapixana, Atroari e Tarumá do Norte, com os Pianokoto a Leste e com os Mawayana, Xerew, Japii, Tukano e Tarim ao Sul e Sudeste (HOWARD, 2002).

Alguns desses grupos consideravam-se “clientes” dos Wai Wai e às vezes até se referiam a si mesmo como “Wai Wai” (COUDREAU, 1886), o que sugere que,

⁴ Tradução do autor: Os Wai Wai habitam a bacia média de Mapuera. Os Wai Wai são uma das muitas tribos da pelve do país. A parte superior do Mapuera e Trombetas é habitada por três tribos mansas como todas as anteriores: a Tarumas o Japiis e Tukanos. Vivem na bacia do Couroucouri, não nas margens do rio, mas nas florestas do interior, três outras tribos mansas, Yaous os Neres e Coudouis. Detalhes muito importantes: nenhuma dessas tribos tem canoas. Nas tribos do sul Couroucouri e leste dos Wai Wai, habitam Piannocotes, grande tribo mansa, cujos territórios se estendem para Wai Wai, os Ouayanas (COUDREAU, 1886, p.90-91).

anteriormente, os intercâmbios (entre os quais trocas, casamentos e rituais), representavam vínculos de influência política e assimilação social (HOWARD, 2002).

Coudreau descreveu os Wai Wai como povo aristocrático, uma das raças conquistadoras pacíficas que migram para a região e passaram a exercer influências sobre vários povos (HOWARD, 2002).

Quando Coudreau caiu de cansaço e doença numa aldeia Wai Wai, o chefe apiedou-se dele e disse: “Você não é velho e, no entanto, seus cabelos são brancos, seus olhos são doentios; volte para sua terra. As trilhas da savana e do mato não prestam para o branco” (COUDREAU, 1886 p.105 apud HOWARD, 2002, p.33).

Coudreau comenta sobre a ilusão de superioridade do homem civilizado ao indígena:

Seria uma grande ilusão imaginar que os índios nos consideram superiores. Nossa civilização provoca-lhes espanto e não admiração. Somos seres diferentes, mas inferiores. O índio não precisa de nós, mas nós precisamos dele. Para que ter casas de pedra, roupas complicadas, instrumentos bizarros? Quando estamos a sós com eles, o sentimento que inspiramos com toda nossa superioridade é de desdém compadecido (COUDREAU, 1886, p.125 apud HOWARD, 2002, p.33).

Coudreau ao se encontrar doente fica sensibilizado e encontra em suas reflexões o sentimento de ilusão no homem ocidental ao se sentir superior ao indígena e demonstra que eles precisavam mais dos índios do que estes deles.

Os franceses tinham práticas diversas das dos portugueses na organização das atividades do escambo, pois em vez de fundarem feitorias deixavam um intérprete entre os índios que se encarregava de organizar trabalho e abastecer os navios (ALMEIDA, 2003, p.55).

Notamos o protagonismo dos indígenas por tomarem atitudes ao desfazerem suas alianças, conforme percebiam impactos negativos com colonizadores:

Comportamentos, concepções e atitudes eram criados e recriados constantemente, tanto por parte dos índios que, além disso, perceberam também o impacto negativo dessas alianças, o que os levou a mudar de lado inúmeras vezes. Comportamentos, concepções e atitudes eram criados e recriados constantemente, tanto por parte dos índios quanto por parte dos colonizadores (ALMEIDA, 2003, p.55).

Nesse passo, João Pacheco de Oliveira (2016) tratando sobre os viajantes, afirma que a etnografia estaria limitada a um mero relato especulativo dos viajantes inseridos no marco científico da história natural, ou como uma ficção impressionista, com valor estético ou alegórico. Estes viajantes europeus estudados aqui estão inseridos no marco científico na história natural, aonde o indígena é observado através de relatos, que traz memórias desse encontro do século XIX.

Considerações finais

Estes três viajantes naturalistas em seu conhecimento de área e de marcos naturais a serviço de países europeus se encontram com os indígenas da família linguística Karib e Arawk, navegando e caminhando por terra, aonde além da descrição da natureza, observaram os costumes e as habilidades dos indígenas no século XIX.

Reconhecemos o contato desigual do colonizador com o colonizado, como o protagonismo indígena por vezes manifestado em importância nas alianças com viajantes dessas expedições científicas.

Observamos nas representações de narrativas desses relatos o encontrar com o pensamento da época permeado no naturalismo científico, por vezes manifestasse tendências do racismo do século XIX, muito confundidas com o racismo, por outros momentos o bom selvagem de Rousseau e o romantismo nacionalista literário.

Também, por vezes notamos alteridade com sentimento de superioridade do viajante ao indígena, visto este como inferior, mais por relatos observamos a inversão desses valores como o relato de Henri Coudreau que se considera inferior ao indígena.

Portanto cabe nos fazer a reflexão na importante compreensão de como se davam as relações sociais entre europeus e indígenas na fronteira entre o Brasil e a Guiana Britânica, com alianças, levantamentos científicos, demarcações territoriais, disputas e atrações religiosas, comércio, trocas, epidemias, dominações e resistência indígena.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

BROWN, Charles B. **Canoe and Camp Life in British Guiana**. London: Edward Stanford, 1876.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** / Peter Burke; Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CERTEAU, Michel de. “A Operação Historiográfica”. In: **A escrita da História**/ Michel de Certeau: Tradução de Maria Lourdes Menezes: revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 55-106.

COUDREAU, Henri A. **Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au Haut Trombetta (mai 1884 - avril 1885)**. Rouen: Imprimerie Esperance Cagniard, 1886.

COUDREAU, Henri A. **La France Équinoxiale. VOYAGE. A Travers Les Guyanes et e'l Amazonie**. Paris, Challamel aîné, Éditeur, Librairie Coloniale, 5, Rue Jacob, Et Rue Fubstenberg, 2.1887.

COUDREAU, Henri Anatole. **Viagem ao Tapajós – Brasil**. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1940.

FARAGE, NÁDIA. **As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização**. São Paulo: Paz e Terra, ANPOCS, 1991.

FRANK, Erwin. A Beleza e Vício: **O olhar etnográfico dos irmãos Schomburgk (1835-1844)**. In: Revista Antropológicas, ano 11, volume 18 (1): pp. 95-136.

HOWARD, Catherine. Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico**. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HULSMAN, Lodewijk A.H.C. O caso de Berbice: Relato de uma pesquisa Arquivística. In: HULSMAN, Lodewijk A. H. C.; CRUZ, Maria Odileiz Sousa(Org.) **Fazenda Trabalho na Amazônia, mão de obra nas Guianas: o caso de Berbice (1726-1736)** / Lodewijk A. H. C. Hulsman; Maria Odileiz Sousa Cruz/ Organizadores.Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

HULSMAN, Lodewijk; Oliveira, Reginaldo Gomes de. **O impacto da política europeia nas Guianas**. Texto Curso de Extensão pelo Núcleo de Políticas Eleitorais e Políticas da Amazônia- NUPEPA. Boa Vista-RR, 2013.

MENCK, José Theodoro Mascarenhas. **A Questão do Pirara (1829-1904)** / José Theodoro Mascarenhas Menck - Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades** / João Pacheco de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Os atalhos da magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes na etnografia indígena**. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Sér. Antropol. 3 (2).1987, pp.155-188.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **Os Holandeses na Amazônia Caribenha Colonial: dos Caminhos Históricos aos processos das Relações Internacionais.** In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **Notas sobre os holandeses na Amazônia no período Colonial.** Revista Textos e Debates. Boa Vista-RR: EDUFURR, Julho a Dezembro de 2006.

PARECER DO CONSELHO ULTRAMARINO, 20.12.1695. In: **B & BGB – An., Mem., Br., 1903, I: 30.**

RBG (Revista Brasileira de Geografia). **Vultos da Geografia do Brasil – Henri–Anatole Coudreau** – Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Abril/Junho de 1943.

RIVIÈRE, PETER. Introduction. In: **SCHOMBURGK, Robert. The Guiana Travels of Robert Schomburgk 1835-1844, V. I, London: The Hakluyt Society, 2006.**

RIVIÈRE, Peter. **O indivíduo e a Sociedade na Guina: Um estudo comparativo sobre a Organização Social Ameríndia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

RÜSEN, JÖRN. “Formas da Historiografia”. In: **História Viva.** Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 1ª reimpressão, 2010, pp. 21-83.

SCHOMBURGK, Robert. **A description of British Guiana, Geographical and Statistical (1840).** Cambridge University Press, New York, 2010.

SCHOMBURGK, Robert. **The Guiana Travels of Robert Shomburgk 1835-1844, V. I, Londres: The Hakluyt Society, 2006.**

SCHOMBURGK, Journal of an expedition from Pirara to the Upper Corentyne, and... Demerara (1843). **Journal of the Royal Geographical Society of London, v. 15, p. 1-104, 1845.**

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TORRES, Simeia Maria de Souza. Definindo fronteiras lusas na Amazônia colonial: O Tratado de Santo Ildefonso (1777-1790). In: **SAMPAIO, Patrícia Melo; Erthal, Regina de Carvalho. Rastros da Memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2006.